

AMOCIDADE

JORNAL LITERARIO E CRITICO

Redactor-chefe: Julio dos Santos Junior

Secretario: Domingos Matheus

CHRONICA

Anno novo!... Anno novo!...
O velho anno submergiu-se nas
brumas do Esquecimento...

Ao contemplal-o no estertor da
derradeira agonia, tenho-lhe pena.

Nascera risonho, entre alegrias
roseas e os folguedos tradicçionaes
que se recordam de anno a anno.
Fôra ditoso...

Mas, cêdo se lhe apagaram as
fulgurações deslumbrantes, — que
foram como um arreból fugitivo a
illuminar-nos a Alma.

Agóra, quantas das bocas que o
aclamaram antes, não o maldizem,
não o amaldiçoam?!

E porque maldizemos o anno
que passou, e só temos palavras
de contentamento e bondade ao
outro, que apenas vem apontando
seus primeiros alvôres nos hori-
zontes ainda enublados da Vida?

O certo é que esquecemos as
illusões finadas, as venturas fal-
lazes, os sonhos mentidos, as ho-
ras de amargura: e nos sentimos
remoçar ao surgir do novo anno.
Volvemos o olhar para o Futuro,
esquadrinhamos a bruma que o
aureóla, a procura duma esperançã
vivificante, exterminadora da austerã
tristeza que nos cracia...

Rimos... folgamos... embo-
ra se nos embarlhem na mente
sentimentos diversos. Sentimos
necessidade de rir, somos levados
á folgar. A propria Dôr, abdicando
da sua missão de algóz, abandona
o trono levantado em meio das
ruinas do Infortunio...

Não ha magua, ou disillusão
capaz de nos arrancar lagrimas.
Rimos... folgamos...

Rimos e folgamos no torvelinho
agitado: dos contentamentos extra-
ordinarios que vibram em cada cô-
ração, das alegrias admiraveis que
espandem em cada Alma, dos cantos
vibrantes que soam em cada
peito...

**

Anno novo!... Anno novo!...
Ao Futuro!... Ao Futuro!...
E' este pharól resplandecente
que nos seduz e nos attrahe e
nos convida a caminhar sempre,
sempre!

Somos rôtos e exhaustos cami-
nheiros pela vereda do Destino,
em busca do Futuro. E somos
tambem ingratos...

Não deixamos saudades da róta
que já palmilhámos, não! Muito
pelo contrario, ao volvermos os
olhos para traz, soltamos, joviaes,
suspiros de consoio.... Nem uma
acção de graças pelos dias passa-
dos! nem uma lagrima pelos ide-
aes mortos!

Anno novol.. Anno novol..

Como quer que seja, o alvore-
cer do novo anno, é o momento
suspirado, para esquecermos as
dores passadas, as passadas maguas.
Como quer que seja, o alvorecer
do novo anno diz-nos: Olvido ao
Passado, fé no Futuro!...

Anno novo!... Anno novol...
O anno que finda é como um
esquife misterioso que tomba para
o Esquecimento, e onde depomos
as velhas maguas, as antigas dôres,
as aspirações velhas, os desenganos
antigos...

Anno novo!... Anno novo!...

JULIO DOS SANTOS JUNIOR.

LONGE...

Ha quanto tempo me auzentei de ti?
Diga a saudade que em meu peito móra
Desde o momento em que não mais te vi;
Digam os versos que te emvío agora,
Ha quanto tempo me auzentei de ti. ...

Nos esplendores de que estás cercada
Se te lembras de mim não sei querida...
Talvez olvides de que és amada
E te tornes perjura e fementida,
Nos esplendores de que estás cercada

Na suspeita cruel que me avassala
Sinto que aos poucos vou desfallecendo,
E busco a cama para despo-a-a.
Poís, oiço o coração bater gemendo,
Na suspeita cruel que me avassala.

JESUINO C. MONTEIRO.

Guaxupé — Minas.

PAULO E VIRGINIA

Paulo e Virginia amaram-se : relata
o grande Saint-Pierre, em sua lenda ;
mas desse amor ardente a idéa exacta
quasi não há quem neste mundo entenda.

Eu que vivo trilhando a escura senda
de um firme amor, que as alegrias, mata,
— eu sim ! pude entender a dor tremenda
que os enlaçou, extremamente lata !

E' que não tens amor nesse teu peito
é que eu de amor tenho cruéis ralzes,
e muito embora este soffrer acceto !

Teriamos, emtanto, a vida doce,
seriamos, querida, tão felizes,
si tu sendo Virginia, eu Paulo fôsse...

ANDRELINO ASSIS.

SAUDADE

Recordas-te, Esther?...

Punge-me ainda o coração po-
voado de saudades a agra lem-
brança dos dias passados.

Lembro-me de ti, — meu affecto,
anjo de minha idolatria...

Lembro-me de ti, do nosso
amor.

Ai! Como me doe n' Alma a
recordação das venturas, — chi-
mericas venturas! — de outr'oral...

Tardes de Maio! Tardes de
Maio! Que sois feito de vós, — tar-
des cheias de poesia e amenida-
de: tardes, que juntas, fosteis a
phase mais ditosa de minha vida?

Recordas-te, Esther?... En-
quanto o Sól deitava-se no Oc-
caso, risonho e rubro e Diana sur-
gia, pallida, scismando, do outro
lado — no Oriente: nós corriamos,
pelas campinas em fóra; e, em
cada um dos teus olhares soletiva
uma jura inquebrantavel de amôr,
a promessa d'um beijo....

Hoje.... que é feito do nosso
Amor?

Longe de ti, longe do fogo intenso desse olhar querido, sinto envadir-me a Alma o vento gélido da Descrença, punge-me o coração povoado de saudades, a agra lembrança dos dias passados....

Recordas-te, Esther?...

ANTONIO LOPES DA SILVA

S. Paulo—14—12—903



Quando ella passa

(INÉDITO DAS «AURORAS»)

A briza os seus cabellos luzidios,
Pelas espaduas n'as esvôaçã,
A turba se ajoelha honradamente,
Eil-a que passa...

Não vólve o olhar ao povo e ufanamente,
Com passos de rainha ella prosegue,
Emquanto a creançada, atraz, em fila,
Cantando a segue...

Qual de princeza o seu olhar scintilla.
O lyrio curva-se a pedir-lhe um beijo,
E a rosa, ao vel-a sente na corólla
Morder-lhe o péjo!...

Trina o canario, altivo, da gaiola,
Quando sabe a noticia da passagem,
Moças gentis, reclinam-se á janella,
Ante essa imagem!

E então a briza, as tranças da donzella,
Pelas espaduas n'as esvôaçã,
E a turba com respeito se ajoelha...
—Eil-a que passa.

PAULINO DE ALMEIDA.



“Sons que passam” e.... deixam écho....

COINCIDENCIAS....

FLORES

É mentira; não creias, meu amor: mentiram-te. Deixa as flores no quarto.... Mentiu-te quem disse que o perfume mata....

Que seria das borboletas si a alma das flores sabisse á noite pela treva calada com o mysterioso punhal do aroma para os massacres?

Não creias, meu amor— quem tedisse tal fabula mentiu covardemente.

As mimosas são incapazes de traição; não confundas o perfume

com o aspide; e aqui te digo em segredo: se alguma rosa te ouvisse falar, não sei que vingança pequer na imaginaria a flor.

Deixa-as no quarto— durmamos com as innocentes companheiras.... e não tenhas receio que aqui estou eu para guardar-te das ciladas.

Covardes as flores.... envenenam durante o somno.... calumnia!

Agora tu, meu amor, sê franca: se as flores envenenassem eu estaria a esta hora junto de ti, beijando-te? e entretanto, durmo todas as noites com as duas saudades dos teus olhos, com a papoula da tua bocca, com as rosas das tuas faces e com os botões de magnolia dos teus peitos, aspirando todas essas flores e mais ainda o teu halito que einbalsama o aposento a espalha-se pela alcova para dar perfume ás flores....

Si o aroma envenenasse, que seria de mim, mimosa flor de minha companhia?

É mentira; não creias, meu amor: mentiram-te.

Deixa as flores, cerra as cortinas e dorme e perfuma o meu somno.

COELHO NETTO.

O PERFUME

—A' Salles Prado.

Asteria, mentiu-te quem te disse que o perfume mata! Pois, si o aroma de uma flor matasse, o que seria de mim, meu amor, que te beijo todos os dias?

Oh! não creias que o perfume mata! Mas... si tu o crês, pende... pende o teu corpo sobre o meu, que eu quero morrer junto de ti.... beijando a linda rosa das tuas faces....

JOSÉ DIOGO.

Chamamos para este engano, a atenção do homem do— Desconfiamos... que a esta hora já deve ter mettido o seu espirito engrafado... digo, a viola, no «sacco de carvão» que certo pedagogo cavou lá pelas bandas da Liberdade....»

ARGUS JUNIOR.

O Imparcial—Recebemos este bem redigido jornal de José Cantinho. O presente numero é especial, e traz boa collaboraçã.
Gracias

A' BEIRA MAR

Ao João Queiroz Filho.

Costei de vêr o mar, calmo e sereno,
A rolar, a rolar em ondas mansas.
Lembrei-me dos sorrisos das creanças
Em noites de luar bonito, ameno.

O mar corria lésto para a praia,
Enfleirando espumas alvejantes...
Dir-se-ia uma chusma de estudantes
Que vagava, soltando alegre vaia!

Meus olhos, que risonhos, desenhavam
Nas ondas, essa dôr d'um pensamento...
Quizera ser a briza, ser o vento...

Para beijar a praia. Deslizavam
Suspiros de saudade em tarde linda,
E além, sorria o sêl em morte infinda!...

JESSÉ DA COSTA NEVES.

Santos, Outubro de 1903.

“A IDÉA”

Nascida da fusão d'«A MOCIDADE», e d'«A IDÉA» jornal literario e critico, de Angelo Silvio, virá á luz da publicidade á principios de Fevereiro, uma nova revista mensal: literaria, critica, humoristica e illustrada, intitulada:

A IDE'A

As pessoas assignantes d'«A MOCIDADE», que quizerem receber a nova publicação de Fevereiro á Fevereiro, (um anno,) terão de nos enviar mais rs 1\$000.

Do contrario. receberão só 7 ns. da revista, até inteirar o anno de assignatnra d'«A MOCIDADE», contados os numeros deste jornal até hoje «A IDÉA», contará com a collaboraçã dos mais festejados poetas e prosadores d'esta Capital e mais localidades do interior do Estado, e com a illustraçã de tres distinctos desenhistas de S. Paulo.

Por termos de tratar da publicação d'«A IDÉA», que deverá sair a principios de Fevereiro, não será publicada em Janeiro —«A MOCIDADE»

RIMAS..... DA EPOCHA

*Ao jurnal de combate
que modestamente se oc-
ulta sob o pomposo nome
de COMBATENTE*

Atravessou-lhe a garganta
O fructo mais delicado?
Pois olhe, amigo, me espanta...
—Quem não morren suffocado
Nos perfumes do Diogo,
Espernear engasgado
Co'as bôlas dum pedagogo?
Ora..... seu Desconfiado.....

*
**

«O melhor da gallinha é o ovo,
A doença do pinto é o gogo.....»
O Bispo baptisa o povo
Co'os Perfumes do Diogo.

ARGUS



Literatos em miniatura

II

ANGELO SILVIO.

No rapido bosquejo que vou traçar sobre o valor literario do joven cujo nome encima estas linhas, tentarei applicar, mesmo a esmo, sem meditação, sem nenhum paciente e profundo estudo, o methodo comparativo, manejado com tanta maestria pelo maior critico brasileiro — Silvio Romero.

De relance comparei A. Silvio, com Francisco Loreto, já tratado no meu primeiro artigo.

Aprecio mais o primeiro, vou logo dizendo com toda a franqueza,

Lendo os seus escriptos, percebe-se que elles são os fragmentos de um'alta plena de paixões, que fala um temperamento entusiasta, capaz dos maiores arrebatamentos por qualquer coisa, por um nada, agitado por sensiveis nervos, nervos de artista, com algo de *petroleiro*...

As suas sentenças são fluentes, vibrantes, sonoras, musicas, encontrando-se trechos, muitas vezes, que di-se-ia foram metrificadas... O seu estylo é correntio. É arrojado na concepção das idéas, e atrahente pela fôrma e sentimento...

Até aqui, segui o conselho de grande pensador allemão, que manda em primeiro lugar mostrar o que ha de bom numa obra, para depois patentear o que ha de mau...

Aqui na nossa terra, porem, não se dá isso...

Aqui, com excepção de alguns competentes criticos sinceros, — um *typo* qualquer, um João-ninguem, um zoiloso tolo, um dos innumerados D. Quixotes literarios, ao ver *qualque chose* que cheire á literatura salta, immediatamente, furibundo, e ai! sólta o *respectivo* chorrilho de asneiras e descomposturas...

Entretanto, si o auctor da tal coisa com pretensões á literatura for da *igrejinha*... ó ceus! o homensinho atira-se logo aos dictionarios e esgotta o stock dos adjectivos encomiasticos, dos termos *difficeis*, num phraseado *tont a fruit* ajanotado, levando o *cujo* ao 7º. céo...

Pobres vocabulos que servem para tantos elogios balofos e idiotas!

Mas... voltando á vacca fria: A. Silvio é menos correcto e tem o estylo mais pomposo, um pouquinho bombastico até, que F. Loreto.

Não falando na emitação (escolho de todo o principiante, seja lá elle aguia, cu abutre que se empluma), que de vez em quando usa, tem o Silvio outro defeito: como *novo* e *novo* exaltado, *novissimo* até... é muitas vezes assáz exagerado!

Coisas da época, com as que tanto embirram os *velhos* intransigentes...

Silvio não tem tambem a indole tão sonhadora, fantasista, como F. Loreto, mas possui bastante naturalidade no escrever, naturalidade manifesta mesmo até no seu estylo campanudo Cafonto...

Admirador do immortal e altiloquo cantor da *Morte de D. João*, quasi tudo o que escreve, vasado nos moldes do symbolismo, tem um quê de junqueirano.

Outros escriptores, entre os quaes Alvares de Azevedo, têm exercido grande influencia sobre A. Silvio, que, occulto em *afemiado* pseudonimo, vae escrevendo, por passa-tempo, amorosas fantasias (e *despenhando* «gaviões literarios» tambem!), tocando no amor com o roseo sensualismo de uma mocidade esperançosa, ardente, fugindo do platonismo monotono, lúgubre...

GIL BRASIL.

Nota. — O primeiro artigo desta nova secção, foi publicado n.º «A Idéa» N. da R.

PERFIS

IV

GEORGINA AURORA

Filha do Norte, onde as palmeiras falam
A todo o instante o nome de Iracema...
E' saudosas e tremulas embalam
O loque ao sem vibrante da «pocéma»...

Fibra a saudade a corda da sua lyra,
Rimando a estrophe altiva e «masculina».
Fitando as nuvens muita vez suspira :
—«Si ellas fossem 'to onde está Corina. .

O Súl!.. O Súl!.. O ninho dos amores!...
Canta, no Súl, a voz do meu amado,
Emquanto os rouxinôes, beijando as flores,
Cantam á Lua, os hymnos da Saudade»...
... E o seu verso dorido, macerado,
E' a alegria que tem, na Soledade.

MAX RIVER.



CARNET

Completo no dia 18 do corrente mais um anno de preciosa existencia a gentil senhorita d. Andreina de Abreu, digna e intelligente professora do grupo escolar de S. José dos Campos.
Saudamol-a,

Fez annos no dia 24 deste, o nosso querido amigo e intelligente collaborador Jesuino Costa Monteiro, primoroso poeta. Enviamos-lhe daqui, por esse motivo, a expressão das nossas mais vehementes saudações,

Consta-nos que em breve partirá para o Rio, o sr. Coriolano Cintra da Silveira Castro. (safal). Consta-nos, tambem, que sobre esta inscripção do nosso *Carnet*, *alguem* chorará lagrimas sentidas. ...

Completo mais um *seculo* no dia 23, o nosso querido Jessé Costa Neves. Por esse motivo enviamos-lhe o mais affectuoso *tomandud*.

De-lhe Deus muitos annos de vida, e a nós pa ciencia para...



AMOR FATAL

(NOVELLA)

(Ao Amadou Carvalho)

Mauro era o nome de um honrado mancebo filho unico de uma familia honesta que vivia na indigencia.

ARQUIVO
N.º 01125

Na sua infância seus pais, com grandes esforços e á custa de enormes sacrificios, conseguiram dar-lhe uma educação aprimorada.

Quando a afflicção invadia o tugurio e punha em sobre-salto o pensamento daquella pobre gente, bastava a presença do filho amado, os seus sorrisos, para dissipar a magoa que os atormentava; então, de nada mais se lembravam, esqueciam tudo e cuidavam somente em prodigalisar-lhe caricias.

Alquebrado já pelo arcar dos annos etendo Mauro attingido a uma certa idade, seu pai procurou collocar-o, afim de que com esse pequeno salario poudessem viver decorosamente.

Em pouco tempo, porem, o mancebo conseguiu captar a sympathia de seu protector e a remuneração de seus serviços de mez em mez.

Passou-se assim um largo espaço de tempo.

Certo dia porém, Mauro depois de muito meditar, convenceu-se de que aquella vida sem futuro não podia continuar; devia buscar um meio de adquirir uma posição mais saliente e não demorou muito em encontral-o.

Poz-se a estudar com afam nas

horas de lazer e breve concluiu elle o seu curso de humanidades.

Devia agora abandonar os entes que lhe eram mais caros para ir em busca do seu nobre e elevado ideal, o seu sonho dorado que ia ser realizado com a entrada em Curso Superior.

A' hora da partida foi immensa a commoção: os dous venerandos anciãos, debulhados em lagrimas, agarraram-se á sua unica joia, áquelle que ia fazer com que suesno mes fossem honrados e respeitadoss no fim do seu toriocino academico, para não deixal-o partir; mas, era forçoso separarem-se.

Chegando ao termo da viagem Mauro tratou novamente de collocar-se e todos os mezes enviava os subsidios necessarios, para o lar paterno.

Dotado de bom coração e de caracter illibado, os seus collegas viam nelle, não um amigo, mas sim um irmão. Porém, a um só d'entre todos elles Mauro tributava um affecto acrysolado: era a Marcello, seu leal amigo e com panheiro de infancia.

Moravam ambos na mesma casa e naquelle lar bonançoso sempre reinou a maior harmonia e cordialidade.

Quiz, porém, a desdita um dia turbar aquella paz serena e santa.

Uma joven bellissima que todas as manhãos Mauro a avistava, fez pulsar violentamente, pela primeira vez, aquelle coração que, até aquella data, havia amado sómente seus pais.

(Continuará)

ALICE MARY

SARCOPHAGOS

IV

DIONISIO DOS SANTOS

Este é um privilegiado...
Mas, para a Morte, coitado
Privilegio não achou...
A Patria ficou patéta;
—Perden seu maior poeta,
E todo o Brasil chorou...

COVEIRO NEGRO.

Revistas, Jornaes e etc...

Recebemos e agradecemos:
O n. 3 da *Alvorada*, esplendida revista do Centro 1.º de Dezembro desta Capital. O presente numero contem 22 paginas e traz variada e selecta collaboração: *O Resistente*, de S. João d'El Rei, (Minas); *O Seculo*, de Bom Sucesso; *O Monitor Mineiro*, de Villa de Guaranésia, (Sul de Minas); *O Mattão* da Villa do Mattão; *A Reforma*, de Minas; *O Vigilante*, de Tatuhy; *A Cidade de Tatuhy*; *A Razão*, de Estancia, (Sergipe); *O Combatente* desta Capital; *A Opinião*, de Cascavel; *A Tribuna Livre*, de Casa Branca; *O Astro*, de Fortaleza, (Ceará); *A Cidade do Crato*, (Ceará); *A Tribuna*, de Jacarehy; *O Unitario*, de Fortaleza, (Ceará); a mimosa *Myosotis*, de Araguay, (Minas).
Fomos distinguidos com a visita da revista *Via-Lactea*, publicação mensal de Jorge Costa Gratos.

AVVENTURE NEFASTE!

A' NINI

Giammai ammetterei ch'un'amico e dritto pianto acompagnato di singhiozzi, gli troncarono la parola.

Mi slancio all'amico, circondandolo con ambe le braccia, lo stringo al cuore e piangendo: non prenderti cura di me, gli dissi, la fata'itá soltanto si potrà guidare a rio destino; Dio sarà buono e compiacente... abbi fiducia in Lui.

E così l'uno a l'altro abbracciato siamo restati, finché lui sentendosi più rinvigorito m'invito a proseguire.

L'ora dell'appuntamento era già sonata: sette ore, Lucia l'attendeva e lui si disperava della sua debolezza che l'aveva trattenuto a mezzo camino.

—Siamo già vicini; vedo la prigione ove grace la tua dea... cinque minuti e siamo arrivati... coraggio amico, non mancarti d'animo.

Infatti, eravamo arrivati, ma la poca cognizione della villa fu de funeste conseguenze, oltreché la ansietà che lo divorava non diede luogo alla riflessione: abbiamo giuocato infausto colpo.

—Eccomi... ahimé qui incominciò la nostra sventura, un fosso era il segno di divisione.

Lo saltavamo, quando (ho cruda ironia della sorte) Giorgio che aveva già messo piede nell'altra parte fu d'improvviso assalito da un grosso cane....

Era un'eroe, lotta furiosamente...

Salto, e sguaino lo stocco che meco, aveva nel bastone e trafiggo la bestia due corpi barcollarono e crollarono a terra: l'amico sanguinante ed il cane morto....

Un subito rumore, mi mette nova mente in guardia; un'altro avversario aveva a me dinanzi.

Impazzito mi slanciò contro esso e trafiggo con un colpo al cuore un cane nero di proporzioni straordinarie, il quale era corso in aiuto del suo compagno morto.

Libero era adesso il campo, bisognava soccorrere Giorgio....

**

Oh! dolore, da due fori correva nel collo il sangue, il cane l'aveva preso per la gola e tutto lacerato era il vestito e la carne.

Staccio subito il fazzoletto per bendare... la cancia... ma, tutto inutile, correva sempre.

Il pericolo ora imminente, la catastrofe vicina e mi restava ancora un pó di calma; nelle braccia lo prendo e corro verso l'abitazione.

Busso, apparve Lucia....

— Aiuto, balbettai con supremo sforzo, Giorgio é moribondo...

Un grido qualéosa di terribile risono, un grido doloroso, quale solo può strappare l'angoscia mortale, ucci dal petto di quella misera donna, e un pollere di spettro gl'inondò il bel viso.

Il suo sguardo disperato e errante

brillava con ferocia selvaggia il petto ansava e così senza preferire parola avvicinosi a Giorgio.

Poco a poco il suo volto s'andò illuminato d'inesprimibile gioia la borrasca che nel suo cuore scatenavasi si mescolava ad una soddisfazione crudele.

Come ambiva in quel momento ovalarsi col suo Giorgio là dove nessuno potrebbe strapparglielo d'accanto!

Dicisione orribile, molto tardi l'ho compresa. Il dolore non mi permise scrutare il fondo di simile cambiamento: fra l'amico morente e una donna che giudicai come le altré, soltanto quello attirò le mie cure e a lui mi consacrai.

Un cordiale, gridai atterrito, vedendolo alle ultime quasi, un cordiale subito.

—Giorgio, caro amico, un sorso... un'altro... un'altro ancora....

—Grazie, mormorò con voce fiabile grazie... Mario....

Poi riconoscendo Lucia, a lui abbracciata.

—Lucia... muoio... muoio... per... te....

—No, gridò lei, morirò anch'io.

—Iddio... mi... chia....

— Ci chiama, ripeté Lucia immergendosi nel cuore un pugiale che nel seno aveva.

Lá... lassù, balbottò, e morì abbracciando il suo Giorgio inanimato.

MARIO MARTELL

S Paulo

